Belinda Lee



ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 45)

Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Ditribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa



BELINDA LEE

a AFRODITA do século XX, que quis suicidar-se por amor!

UMA INFÂNCIA DESPREOCUPADA

Filha do hoteleiro Robert Esmond Lee e da florista Stella Mary Craham, nasce Belinda Lee a 15 de Junho de 1936, numa cidade do interior chamada Budleigh Salterton, em Devon.

A todos, a lindíssima criança surpreende pela sua face de anjo, pela graça dos seus olhos verdes, em contraste com a pele fresca como um botão de rosa. Seus pais, maravilhados com o pequenino ser, fruto de um amor sincero e indestrutível, rodeiam-na de carinhos e cada um procura superar o outro nessa tarefa de preparar Belinda para a vida... Enquanto a mãe traz todos os dias da loja as mais belas flores, o pai inventa os pitéus mais apetitosos logo que ela passa do biberão de leite para os alimentos sólidos...

Assim decorre a infância da encantadora Belinda. Cumulada de gentilezas, ela vai adquirindo uma sensibilidade bastante delicada. Tão delicada que a mais pequena coisa a ruboriza e surpreende. No entanto, não lhe faltam qualidades de inteligência. Daí que na Escola Preparatória Rookesbury Park, ela se imponha ràpidamente à amizade e camaradagem das outras alunas.

No final dos exames, Belinda tem a satisfação de ver o seu nome em letras grandes no quadro de honra da Escola, como uma das melhores alunas do ano. É o primeiro acontecimento que lhe dá a conhecer o sabor da celebridade: parabéns, aplausos, alegrias e invejas.

Convencidos das faculdades e do seu pendor para artista, os pais mandam-na frequentar sucessivamente a St. Margaret's Exeter, a Academia de Arte Tudor, em Hendhead, e por fim, a Academia Real de Arte Dramática.

AS PRIMEIRAS COMPLICAÇÕES

Praticando ginástica e amante de todos os desportos, a jovem desenvolve-se extraordinàriamente. Aos 15 anos parece uma rapariga de 20. E não é apenas no aspecto físico que essa precocidade se revela. Intelectualmente, ela é também um caso surpreendente. Obtendo sempre médias elevadas, Belinda ganha duas bolsas de estudo, que evitam a seus pais gastar um «penny» com ela.

Desta maneira, ela cria o hábito de se bastar a si própria e de tomar as suas decisões sem consultar ninguém — o que vai originar sérias complicações na sua vida futura.

Devotada ao estudo, na Academia Real de Arte Dramática, Belinda provoca a primeira dessas complicações sem para isso mexer um dedo. Uma das suas amigas namorava um agente teatral, mas um dia os olhos desse agente prendem-se nos longos cabelos cor de mel e nos enormes olhos verdes de Belinda. Fascinado, esquece-se da namorada e oferece-se para acompanhá-la a casa.

Todos sabem como as raparigas gostam de roubar os namorados umas às outras. Aceitando o convite, ela pensa que uma inofensiva brincadeira não causará qualquer desgosto à amiga... Mas no outro dia quase chegam a vias de facto, pouco faltando

● **AFRODITA** — Uma das divindades da Mitologia Grega, que passou à romana com o nome de Vénus. Era a deusa da formosura e do amor, da geração, do mar e dos navegantes, da vida universal.

Nos poemas homéricos, Afrodita era amante de Anquises, a quem deu um filho chamado Eneias, tronco do povo romano.

A mitologia corrente dá-lhe por filho Cupido.

Quando Belinda ainda não pensava no cinema

A grande maioria das «estrelas» recusa terminantemente aos jornalistas quaisquer fotografias anteriores à conquista da celebridade... A razão é simples: antes de a sua beleza atingir o esplendor de que só os grandes fotógrafos e os grandes caracterizadores sabem o segredo, elas eram iguais a tantas outras outras raparigas que passam despercebidas por nós no Chiado, sem deixarem rasto... Como todas as suas colegas hoje famosas, Belinda também conheceu um um período em que não se podia considerar exactamente uma mulher bela... Atente-se nesta fotografia em que, desde o mau gosto do chapéu e do penteado, até aos dentes pouco correctos, os «senões» parecem multiplicar-se... E, no entanto, Belinda é hoje, sem favor, uma das mulheres mais belas do cinema...



para cairem numa luta sanguinária de puxões de cabelos...

Como vingança pela falta de confiança demonstrada pela colega, Belinda decide continuar a aceitar os convites do agente... Deixa-se acompanhar a casa por ele, falando naturalmente, pelo caminho, de muitas coisas, mas principalmente de teatro...

— Estou convencido de que darás uma excelente artista — afirma ele, entusiasmado. — No teatro, como no cinema, o cartão de apresentação de uma artista é a sua beleza o seu aspecto exterior. O público gosta de ver rostos bonitos, que respirem felicidade — e, detendo-se por momentos a contemplá-la, como um pintor perante uma obra-prima de Miguel Ângelo, exclama: — Se tu quisesses, eu poderia ajudar-te... desinteressadamente, claro...

— Juras?

Ele hesita em responder como um colegial apanhado em falta.

— Abso... luta... mente... Juro pela minha honra.

Dias mais tarde, Belinda pode orgulhar-se de ser uma das raras estudantes com um contrato a cumprir nas férias... E de ter já, com os seus 15 anos, um namorado.

OS PRIMEIROS FILMES

A passagem pela Companhia de Repórtório de Nottenghan é uma etapa decisiva na vida de Belinda. Além de ganhar quatro libras por semana, ela tem a sorte de atrair a atenção do produtor de filmes Val Guest, que andava à procura de uma nova artista para o principal papel feminino de «Rnaway Bus», ao lado do actor Frankie Howard.

Nessa noite, após a representação, ao entrar no camarim, ela encontra na mesa do toucador um cartão de visita com as seguintes palavras:

> VAL GUEST
> Produtor de filmes
>
> *Agradece o favor de passar amanhã, às 16 horas, pelo seu escritório, para assunto de interesse comum.*

Para Belinda, este convite representa o despertar de um monstro adormecido que traz dentro de si desde que viu o seu nome escrito em letras grandes no quadro de honra da Escola. Ela sabe que Val Guest lhe pode abrir o caminho da fama e modificar toda a sua vida futura. Mas tem medo — medo de que seja cedo para iniciar a caminhada; e medo também de perder o namorado com quem marcou encontro no dia seguinte, à mesma hora do que o produtor...

Por outro lado, uma dúvida toma forma no seu espírito: poderá ela com a sua reduzida experiência de actriz de teatro corresponder às exigências que uma actriz de cinema tem de satisfazer? Recorda-se dos papéis que já interpretou: Maisie em «Daphne Laureola», Cloe em «The Skin Game», Beleza em «O amor dos Quatro Coronéis» e Rosalind em «As You Like it». Quatro papéis muito diferentes entre si, em que pôs à prova a multiformidade de um verdadeiro talento... Quatro exames em que triunfou apesar de todas as dificuldades... Porque não tentar fazer o quinto exame? Nada tem a perder e tudo a ganhar...

No dia seguinte, comparece à entrevista com o produtor, anulando o encontro com o namorado. Debaixo de



John Paddy Carstairs dá uma lição de amor a Belinda Lee e a Ian Carmichael, mas este parece dormir no regaço da sua bela companheira... Quem não seguiria o exemplo deste dorminhoco, se pudesse? E não era preciso que ela se desse à maçada de lhe acariciar o cabelo...

«THE BIG MONEY» o mais importante dos primeiros filmes de Belinda, não chegou a ser exibido entre nós!

Devido às vicissitudes por que passou em Portugal, durante muitos anos, a produção cinematográfica inglesa, apenas uma parte mínima dessa produção pôde ser exibida entre nós... Daí que a primeira meia dúzia de filmes interpretados por Belinda Lee sejam ainda inéditos no nosso país. Entre eles, «The Big Money», realizado por John Paddy Carstairs, em Vistavision e Technicolor, merece uma referência especial.



Uma cena de «The Big Money», em que Belinda contracena com o actor Robert Helpman. No «cast» figuravam ainda, além de Ian Carmichael, os artistas James Hayter, Katheen Harrison, Renee Honston e Jill Ireland. A história girava à volta de um jovem perseguido pelo azar até ao dia em que descobriu a maneira de ser rico...



Aqui os dois artistas estudam o diálogo de uma cena, enquanto o realizador parece preocupado com outro problema

uma tensão nervosa perfeitamente compreensível numa rapariga que, não obstante o seu ar de maturidade, apenas tem quinze anos, Belinda responde a todas as perguntas de Val Guest, após o que ele resolve submetê-la a um «teste» de dicção, utilizando um gravador.

— Já vi mais de 100 raparigas para este papel — ouve-o dizer, sorrindo. — Mas espero terminar a série agora que a encontrei... Já estou saturado de tantas provas...

Pela primeira vez, Belinda acredita que a sorte pode bafejá-la, como já antes a bafejara ao conhecer o agente teatral que namorava a sua amiga. E, na realidade, ela ganha o papel... embora perca o namorado.

«PIN-UP» N.º 1 DA INGLATERRA

A partir daí, Belinda vai viver inteiramente para o cinema... Após a sua estreia em «Runaway Bus», ela aguarda impaciente a sentença dos exigentes críticos ingleses. Mas a sentença não lhe é inteiramente desfavorável, porque, se não lhe admiram o talento, rendem pelo menos grandes elogios à sua beleza. É o princípio e o princípio é sempre o mais difícil.

Val Guest oferece-lhe depois novo papel em «Life With he Lyons», ao mesmo tempo que a transforma numa das mais fotografadas «pin-ups» de Inglaterra. As medidas de Belinda falam eloquentemente por ela — busto, 91 centímetros; cintura, 50 centímetros; ancas, 91 centímetros. Mas, em vez de a favorecer, a beleza apenas a prejudica, porque passam a confiar-lhe, não papéis dramáticos, mas «decorativos», do género em que uma rapariga é mais precisa para dar um efeito agradável do que pela sua habilidade a representar.

Alguém observa a Belinda que ela não deve aceitar esse caminho de «pin-up», mas com uma firmeza de quem já pensou maduramente no assunto, ela replica:

— Suponho que os papéis decorativos e de «pin-up» são o caminho mais curto para se fazer nome. E, no meu caso, creio que esse caminho ainda será mais curto do que o habitual — e com um sorriso confiante, remata: — É uma questão de sorte...

Na realidade, o tempo vai dar razão a Belinda. Sobretudo quando, após um filme produzido nos estúdios Shepperton, para a Columbia, com o título de «Footsteps in the Fog», ela assina um contrato com a Organização Rank, a longo prazo.

Todo o esplendor um pouco irreal da sua beleza, vai encontrar nos famosos estúdios de Pinewood um fotógrafo de extraordinário talento, Cornell Lucas, que conseguirá captar dela expressões e atitudes que a imprensa cinematográfica espalhará por todo o país, tornando-a ràpidamente a «pin-up» favorita de todo o império britânico, a rapariga sonhada por todos os homens.

De como Belinda fica grata a Cornell Lucas, bastará dizer que aceita a sua proposta de casamento...

NÃO PERDE A TIMIDEZ

O produtor Hugh Stewart resolve confiar à mais jovem contratada da Organização Rank, um papel que, embora de pequenas proporções, representa antes de mais nada e acima de tudo uma consagração: a «estrela» dos sonhos do cinéfilo Norman Wisdom em «O Homem do Momento»...

Na noite da estreia do filme, as luzes em «neon» que brilham na fachada de um grande cinema londrino, anunciam em letras enormes: «E APRESENTANDO BELINDA LEE».

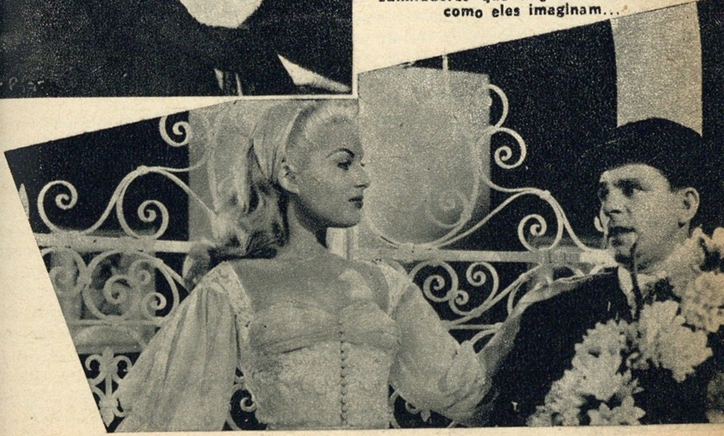
A ESTRELA DOS SONHOS DE NORMAN WISDOM

(... e de quantos mais!)





Quando formularam a Norman Wisdom um convite para fazer «O Homem do Momento», pediram-lhe que dissesse que «estrela» escolheria ele se fosse o protagonista da história e se se agarrasse à ideia de escolher para todos os seus sonhos uma actriz extraordinàriamente bela... E Norman escolheu Belinda Lee, afirmando: — Quero provar aos meus admiradores que não sou tão maluco como eles imaginam...



Belinda, mais alta e elegante do que nunca, chega com seu marido num táxi, donde sai com natural timidez, olhando para a multidão de «fans» que se aglomera de cada um dos lados do cinema. Depois, os seus olhos erguem-se para o anúncio luminoso e não pode conter um sorriso. Volta-se para Cornel Lucas, segredando:

— Sinto-me como se estivesse de novo na Escola.

O ANO DECISIVO

1956 é o ano que vai marcar o lançamento de Belinda Lee no primeiro plano das «estrelas» internacionais. Além de ser apresentada à Rainha Isabel II no Real Espectáculo de Gala da Grã-Bretanha, a Organização Rank decide enviá-la ao Festival de Cannes desse ano, como a sua «estrela» de maior grandeza. E, na realidade, Belinda ofusca fàcilmente todas as suas rivais dos outros países, obrigando os jornalistas a modificarem os seus tradicionais (e errados) conceitos acerca da falta de interesse das «estrelas» inglesas, normalmente acusadas de pecarem por excessiva frieza. Para isso, ela não necessita de se mostrar escandalosa, mas apenas exibir a irradiante frescura da sua contagiante mocidade.

A partir daí, chovem em Pinewood os convites para Belinda visitar uma série de países: Itália, Finlândia, Suécia, Noruega, etc. Com encantadora simplicidade, ela aceita-os e, sempre acompanhada de seu marido, Cornel Lucas, viaja por quase toda a Europa, tornando-se mais popular do que qualquer outra artista inglesa num reduzido espaço de tempo, não obstante o facto de ter interpretado apenas um número de filmes que se podem contar pelos dedos das mãos.

De regresso a Inglaterra, consciente do seu valor, Belinda dirige-se aos directores da Rank, manifestando a ambição justa de lhe confiarem papéis mais consentâneos com o seu talento e afirmando:

— Aceitei a vossa deliberação de usar os atributos físicos para atrair a atenção do público... Agora, creio que isso já não é necessário. Desejo pôr de parte os papéis de «pin-up» e interpretar apenas os que me interessem. Não quero dizer com isso que só faça papéis dramáticos. Pretendo simplesmente papéis, sejam sérios ou cómicos, que me dêem possibilidades de representar e não de me exibir. Quero ser muito mais do que um motivo decorativo...

Há impaciência na sua voz ao falar assim aos directores da Rank. Dir-se-ia esquecida do facto de ser já uma «estrela» internacional, quando ainda não conta 20 anos. Na maioria dos casos, as actrizes que aspiram à fama só conseguem os seus intentos a partir dos 23 ou 24 anos.

Sem esperar resposta, Belinda continua:

— Sei que a minha beleza pode ser uma espada de dois gumes. Não ambiciono a celebridade, à maneira das estrelas de Hollywood. Mas também não quero meter-me num beco sem saída, usando apenas os atributos físicos.

Que outra coisa podem fazer os dirigentes da Rank senão concordar? Belinda é, sem sombra de dúvida, a única «estrela» inglesa capaz de rivalizar com as Marylins americanas, as Ginas italianas ou as Martines francesas. E numa época em que o «super-vedetismo» impera no mundo do cinema, o remédio é aceitar as ambições que elas põem... sem discutir.





Representar Shakespeare é uma questão de honra para qualquer artista inglês. Quem não tiver no activo da sua vida artística pelo menos uma peça do genial dramaturgo, acabará mais tarde ou mais cedo por arrumar as botas como se diz em boa linguagem desportiva...

Belinda não quis furtar-se a essa prova e, no verão de 1956, no Regent Park Openair Theatre representou o papel de Rosalind na peça do grande mestre «As You Like it», contracenando com Alan Judd. O sorriso que ela nos exibe na fotografia ao lado é bastante significativo da alegria que experimentou a passar a barreira shakespereana sem se estender ou cair na valeta...

intérprete de Shakespeare ao ar livre!

A ITÁLIA CONVIDA-A A ENCARNAR AFRODITA

Iniciando uma brilhante carreira como actriz dramática, Belinda Lee interpreta sucessivamente «Eywitness» (não exibido em Portugal), «O Diamante Maldito» (The Secret Place) e «Miracle in Soho».

Em 1957, contracena com um dos mais admirados galãs do cinema, o francês Louis Jourdan num filme sobre a revolução francesa já exibido entre nós com o título de «O príncipe lendário» (Dangerous Exile).

A atenção dos produtores dos outros países recai então sobre ela. Da Itália recebe um convite, que aceita, para interpretar a co-produção franco-italiana «Afrodite, a deusa do Amor». Esse convite representa a sua elevação oficial à categoria de umas mais belas mulheres do cinema e, constitui ao mesmo tempo, um passo decisivo na transformação radical da sua vida serena e sem problemas, atirando-a, por estranha ironia do destino, para um romance dos mais escandalosos e trágicos dos últimos tempos.

O mundo fútil que tanto aprecia os casos retumbantes da vida privada das «estrelas», vai ter assunto para se ocupar durante longo tempo.

a verdade sobre um escândalo de que correram múltiplas versões![1]



Ninguém sabe como Belinda e o Príncipe Orsini se apaixonaram. Sabe-se apenas que se conheceram durante o Festival de Veneza e que, meses depois, ao partir para a África do Sul, concluídas as filmagens de «Afrodite, a deusa do amor», Belinda chorou amargamente a separação que o último filme do seu contrato com a Rank lhes impunha.

Tanto um como outro sabiam que o seu romance era um romance proibido. Belinda era uma mulher casada e devia não só fidelidade ao marido, mas também gratidão pela ajuda dada na sua ascensão para «estrela» internacional. Por seu lado, o príncipe tinha sobre os ombros a respon-

(1) Ver o artigo publicado no Suplemento «Sábado Popular», do jornal «Diário Popular» com o título: «Foi uma farsa — eis o que se diz em Roma das tentativas de suicídio da artista Belinda Lee e do Príncipe Orsini».



«QUERO SER ENFERMEIRA!»

Graças à sua intervenção em «As You Lik it», a Rank passou a dar-lhe papéis um pouco mais interessantes do que os papéis decorativos em que Belinda pouco mais tinha a fazer do que mostrar os seus atributos físicos... Assim, «Quero ser enfermeira» — filme que lamentàvelmente passou quase despercebido no S. Jorge — demonstrou claramente que Belinda podia ir mais além nos papéis que eram confiados. Sob a direcção de Pat Jackson e ao lado de George Baker, ela excedeu as expectativas de todos. «Quero ser enfermeira» era aliás um filme sério digno de ser visto.







Acompanhada de Louis Jourdan, com quem trabalhou em «O Príncipe Lendário», Belinda visitou a catedral de Notre Dame, admirando depois a paisagem em redor.



E aqui a têm sòzinha em Roma — onde mais tarde todo o curso da sua vida se haveria de modificar.

Percorrendo a Europa...

Percorrer o mundo — é hoje a palavra de ordem que os estúdios dão às «estrelas» que querem lançar na rota da popularidade. Esse facto é uma consequência da evolução que o cinéfilo tomou, tornando-se exigente até ao exagero... Para ele, uma fotografia autografada já não é o bastante. E a prova é que não perde alguma oportunidade de ver e ouvir de perto as «estrelas» dos seus sonhos. Muitas vezes, dão-se os habituais assaltos às chamadas recordações e os vestidos das «estrelas» ficam despedaçados...

Belinda quis satisfazer os desejos dos seus admiradores — e as ordens do estúdio, claro — percorrendo a Europa numa viagem que resultou triunfal. E em que não houve vestidos rasgados...



Outra terra, outro cicerone, outro cenário. A terra é Oslo, capital da Noruega. O cicerone é Anthony Steel. O cenário: o convés de «Kon-Tiki».



Praticando o esqui na Escócia...





Cannes, durante o festival de cada ano, é o local de reunião das grandes «estrelas» de todo o mundo. Belinda não podia faltar a esse encontro. À esquerda: o «flash» do fotógrafo soube captar toda a sua radiosa beleza, valorizada por um vestido de Christian Dior, ao descer de um automóvel na companhia de Susan Beaumont e Donald Sinden, para assistir à abertura do festival. À direita: passeando pelas ruas da famosa estância turística na companhia de Susan Beaumont e Muriel Pavlow.

Em Berlim, durante o festival cinematográfico que ali se realiza anualmente, Rossano Brazzi quis acompanhá-la em todas as recepções... Por pura camaradagem, claro





Em Cannes, Belinda constitui uma aparição de sonho com este maravilhoso fato de banho...

nha sobre os ombros a responsabilidade de um cargo altamente honorífico — o de assistente do trono pontifical. Era também casado e tinha dois filhos, Domenico e Benedetto. Nem ele nem Belinda, jogavam com o fogo por pura brincadeira ou leviandade, mas impelidos por uma irresistível atracção.

Logo que chegou à África do Sul, Belinda apressou-se a comunicar aos jornalistas que, entre ela e seu marido, Cornel Lucas, não restavam quaisquer laços sentimentais. No entanto, — afirmou — só pediria o divórcio se ele assim o desejasse...

Durante dias, esperou que o príncipe Orsini respondesse à sua primeira carta. Depois, à medida que a impaciência crescia em si, passou ela própria a ir ver a chegada do correio, cinco vezes por dia.

— O correio para a África do Sul é demorado — observou-lhe uma vez Michael Craig, estranhando bastante o nervosismo da sua colega. — e as tempestades que assolam esta zona também podem ter interrompido o tráfego quotidiano da aviação.

Eram razões de ponderar, mas Belinda sentia-se demasiado nervosa para as compreender. O acampamento em plena selva por exigências das filmagens não a ajudava a encarar as coisas com optimismo.

Por fim, chegou uma carta. Porém, verificando que a letra não era de Orsini, não se deu pressa em abri-la. «Nem aqui me largam com os pedidos de fotografias autografadas» — pensou, aborrecida. E atirou a carta para um canto da tenda onde dormia.

UMA CARTA ANÓNIMA

À noite, ao deitar-se, abriu a carta por curiosidade. Olhou para o fim do papel e não encontrou nenhuma assinatura. Tinha horror às cartas anónimas, mas sem dar conta do que fazia, começou a ler o que ela dizia.

«Mrs. Belinda Lee:

«V. acalentou a esperança de que o homem que a abraçou à sua partida, no aeroporto de Roma, lhe fosse fiel. Mas pode crer que cometeu um grande erro.

«Já durante o tempo da sua estadia em Roma, o príncipe Filippo Orsini visitava regularmente uma bela mexicana. Estamos em condições de lhe dizer o nome dessa interessante Senhora, se V. provar que tem tanto interesse pelo príncipe Orsini como as suas manifestações amorosas em Roma pareciam demonstrar».

Não poderia haver mais duro golpe para Belinda do que esta carta anónima. Não pela carta em si, mas pelo facto de que alguém tinha conhecimento das suas relações com o príncipe. Invadiu-a o medo do escândalo, tanto mais que não desconhecia a natureza do cargo que Orsini ocupava no Vaticano.

Quanto à «interessante mexicana» a que a carta se referia, não acreditava que ela existisse... Mas o ciúme — punhal invisível que penetra nas suas vítimas sem dar sinal — acabou por vencê-la. O medo de que a ausência poderia ser fatal ao amor que os unira, levou-a a marcar um lugar no avião para Roma e a adquirir simultâneamente dois bilhetes de regresso. Um para ela e outro para Orsini.

O REGRESSO A ROMA

Trinta e seis horas depois, avistava-se com o príncipe. Ele compreendeu que tinha na sua frente uma mulher desesperada, que nada possuia da tradicional fleuma inglesa.

Procurou acalmá-la com beijos, mas a tentativa resultou inútil. Com firmeza inabalável,, Belinda disse-lhe:

— Para mim, o mundo nada significa sem ti. Abandona tudo e vem

CORNEL LUCAS



o primeiro marido

perdeu-a depois de torná-la famosa!

Esta é uma das raras fotografias que se conhecem de Belinda com o seu primeiro marido — o famoso fotógrafo Cornel Lucas, considerado um dos mais hábeis de todo o mundo. Belinda deve muito da sua fama a ele, já pelas fotografias de notável categoria artística que as revistas de todo o mundo imediatamente escolheram para as suas capas, já pelo facto de que ele soube ensinar-lhe atitudes e expressões que a tornaram uma verdadeira rainha de «glamour».



Empenhado em dar à esposa o máximo de conforto e felicidade, Cornel Lucas adquiriu uma casa em Kensigton, um dos bairros elegantes de Londres. Maravilhosamente decorada, com um gosto moderno e requintado, Belinda tinha ao seu dispor tudo o que ela podia desejar — mas o seu coração pulsava apenas de gratidão e não de amor.



A cozinha, igualmente moderna, chegou a dar a Belinda o gosto de preparar os pitéus que, durante a infância, vira seu pai fazer no hotel que possuía... Mas esse gosto também não pôde amarrá-la ao lar quando ela conheceu o amor de Orsini.



O mar tem sido na voz dos poetas e dos prosadores, como na paleta ou no cinzel dos artistas plásticos de todas as latitudes, a deusa da inspiração que mais os fascina e encanta.

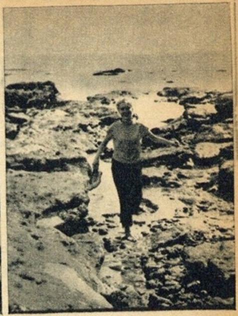
E a razão desse encantamento vem não apenas do mar, mas também das suas sereias, a cujos cantos, segundo conta a lenda, nenhum homem pode resistir.

Belinda Lee — verdadeira «sereia» em carne e osso, como as fotografias sobejamente atestam — também não pode resistir ao apelo do









BELINDA tem uma paixão: o mar!



mar, para onde corre sempre que pode em busca de um repouso sadio, já que as outras «sereias» semi-peixes e semi-mulheres não lhe podem interessar.

Quando lhe perguntam porque gosta ela tanto do mar, Belinda Lee dá sempre a mesma resposta:

— Não conheço nenhum recanto da natureza onde o corpo e a alma se sintam mais livres e mais puros... Correr ao longo de um areal ou deslizar à superfície das águas, dá-me uma sensação de liberdade que não troco por nenhuma outra. E, além de tudo o mais, o mar é para mim o mais eficiente tratamento de beleza.

Ora vejam e admirem estas fotografias e digam-nos se Belinda não tem razão...





comigo, pois já comprei bilhetes para nós. Vem para a África do Sul. Um homem como tu vive em toda a parte. Construiremos de novo a nossa vida. O nosso avião parte daqui a 24 horas. É tempo suficiente para resolveres se me amas ou não!

Em resposta, o príncipe dissertou sobre as responsabilidades familiares que tinha sobre os ombros e nas sérias obrigações que o seu cargo no Vaticano lhe impunha.

— Como queres que te acompanhe à África do Sul assim de um momento para o outro? Reflecte um pouco, querida. Não posso resolver, assim de um momento para o outro, problemas tão delicados como os da minha profissão e da minha família. Sabes que te amo e te amarei sempre... Não estragues, querida, a beleza do nosso amor com a tua impaciência... Eu não desejo com menos intensidade do que tu realizar os nossos sonhos, mas de repente é impossível.

COMO SE DEU A TENTATIVA DE SUICÍDIO

Aparentemente resignada, Belinda não prosseguiu a discussão. Orsini comprou-lhe um ramo de rosas vermelhas e ela voltou a sorrir. Mas era um sorriso triste.

Sobre o que se passou depois, correm as mais variadas versões. Sabe-se apenas que, vinte e quatro horas mais tarde, Belinda Lee era encontrada inconsciente devido a ter ingerido uma dose excessiva de suporíferos na casa das pessoas amigas onde se hospedara. Conduzida ao hospital, mandaram-na colocar imediatamente num pulmão de aço, devido à extrema gravidade do seu estado.

Essa tentativa de suicídio só transpirou para a rua quando, no dia seguinte, a notícia de que o príncipe Orsini tentara também pôr termo à vida cortando as veias dos pulsos, correu célere por Roma inteira.

O «Diário de Notícias», de 30 de Janeiro de 1958, tornou-se eco do extraordinário escândalo, publicando a seguinte notícia das agências telegráficas «France Press» e «Renter».

«ROMA, 28 — A notícia de uma dupla tentativa de suicídio levada a cabo pelo príncipe Filippo Orsini e pela artista de cinema Belinda Lee causou grande sensação na aristocracia italiana e nas esferas cinematográficas desta cidade.

Dizem os jornais que os apaixonados teriam tomado a trágica decisão no Sábado à noite. O certo é que, de regresso a casa de pessoas amigas onde se hospedara, Belinda nesse dia recolheu ao seu quarto, calmamente, não manifestando o mais ligeiro indício do gesto tresloucado que premeditara.

Os dois ter-se-iam despedido definitivamente no sábado à noite, prometendo um ao outro que nunca mais tentariam encontrar-se, mas que nunca quebrariam o elo do amor que os prendia».

UM EXAME DOS FACTOS

Impossível se torna determinar nas notícias publicadas nos jornais onde começa a verdade e acaba a fantasia. Tudo quanto se sabe de positivo e verdadeiro acerca do duplo suicídio de Orsini e Belinda pode ser dividido em três partes:

A primeira: O facto de que ambos deram entrada no hospital entre a vida e a morte, não restando dúvidas sobre os seus intentos de suicídio.

A segunda: As sanções aplicadas pelo Vaticano contra o príncipe, demetindo-o do seu cargo de assistente pontifical e cortando todas as suas ligações com a Igreja.



«O DIAMANTE MALDITO»

o seu primeiro papel dramático



«The Secret Place», exibido entre nós com o título de «O Diamante Maldito», é um curioso e apaixonante filme policial rodado nas ruas de um bairro típico de Londres. O filme, que tem as características que a escola do documentarismo imprimiu ao cinema inglês, é valorizado pela interpretação de um grupo de artistas de que o retalizador Cliver Donner soube tirar o máximo. Belinda surge neste filme extraordinàriamente expressiva num papel de empregada de tabacaria, que se deixa arrastar pelo amor de um «gangster» que lhe promete libertá-la da miséria — Ronald Lewis.

A terceira: A anulação pela Organização Rank do contrato que Belinda deveria renovar após o filme rodado na África do Sul.

Embora todos estes factos não permitam estabelecer a verdade completa sobre o caso Orsini-Belinda, eles põem de parte, de maneira irrefutável, a hipótese que alguns jornais lançaram de que tudo tinha sido apenas uma farsa.

APÓS O TEMPORAL, A BONANÇA

Quando ambos saíram, restabelecidos do hospital, ninguém duvidou de que tentariam encontrar-se de novo. Dezenas de jornalistas e fotógrafos puzeram-se em campo para descobrir e surpreender os dois apaixonados, agora que eles sabiam não poder mais viver um sem o outro.

O primeiro acto de Belinda logo que pôde escrever, consistiu em mandar à «signora» Franca Orsini uma longa carta com a confissão de tudo o que se passara:

«Procurámos evitar que a simpatia que nasceu entre nós se transformasse em amor, em consequência das responsabilidades que ambos tinhamos. Mas tudo foi em vão».

«Tudo quanto está a acontecer é mais forte do que nós e, portanto, inevitável. Peço-lhe que me perdoe e a Orsini. E também que nos compreenda. Amar, afinal, não é pecado. Tentei o impossível para que as coisas não chegassem a este ponto».

PARIS É O SEU SONHO DE AMOR

Obrigados a viver o seu amor na clandestinidade, porque a sua união legal é impossível, dada a inexistência do divórcio na Itália, Belinda e Orsini não arrefeceram por isso a paixão ardente que incendiara os seus corações.

Constantemente perseguidos pelos fotógrafos e pelos caçadores profissionais de escândalos, eles tentaram a princípio manter em segredo os seus encontros, mas depressa compreenderam que era inútil lutar contra uma imprensa implacável que busca assuntos sensacionais para um público ávido de escândalos.

Alugaram uma vivenda em Paris, transformando-a no seu ninho de amor. E durante o último Festival de Cannes, a que assistiram, não esconderam de alguém o seu profundo amor, aparecendo sempre juntos em festas e recepções.

Se a princípio escondiam o rosto da objectiva dos fotógrafos, agora exibem-se com um sorriso franco e aberto. Paris é, para eles, a cidade onde podem amar livremente. De quando em quando, Orsini vai a Roma tratar dos seus negócios, mas Belinda, quando não o pode acompanhar, não deixa por isso de frequentar os recintos nocturnos onde pode exteriorizar a sua juvenil alegria de viver, acompanhando os seus companheiros de filmagens...

Quando dois corações se amam verdadeiramente, une-os uma confiança ilimitada e a certeza de que nada os poderá dividir. Nem os preconceitos, nem as convenções, nem a morte...







«O príncipe lendário» mostrou-a no esplendor da sua beleza!

«O príncipe lendário», apesar de ser uma super-produção, não agradou ao público, talvez por se ter formado demasiada expectativa à sua volta. Um argumento integrado na época da Revolução Francesa, mas tecido debilmente, não logrou convencer alguém. Salvaram-se no filme, além da impecável qualidade do Eastemancolor e do Vistavision, a interpretação de Louis Jourdan — sempre correcto em todos os seus papéis — e o facto de Belinda Lee se exibir no máximo esplendor da sua beleza

57 PERGUNTAS A BELINDA!

P. — Onde e quando nasceu?

R. — Em Budleigh Salterton, em Devonshire, há vinte e dois anos.

P. — Qual o seu signo?

R. — Gémeos.

P. — Fale-nos da sua vocação.

R. — Ainda muito nova fui atraída pelo teatro. Quando estudante na Escola de Arte Dramátique quis fazer parte do grupo Old Vic Theater. Mas como eu necessitava de dinheiro aceitei algumas propostas de filmes e abandonei o teatro.

P. — E a sua estreia?

R. — Uma comédia, «Runaway Bus», aos 17 anos.

P. — Qual foi o seu primeiro ordenado?

R. — Duzentas libras esterlinas por duas semanas.



P. — Onde estudou?

R. — Num colégio de Inglaterra, onde a disciplina era muito rigorosa. Fiquei lá internada durante 10 anos.

P. — Que espera da vida?

R. — Agora já não tenho a mesma ambição que aos 17 anos. Desejo cumprir o meu dever, simplesmente e sem história.

P. — Acha que a vida é bela?

R. — Se me tivesse perguntado isso há dois anos ter-lhe-ia respondido: Não!

P. — Que detesta?

R. — Ser «caçada» e seguida pelos jornalistas na mira de fotografias e escândalos; comer num restaurante; mostrar-me num lugar público onde me olhem como se fosse um animal curioso.

P. — Que assuntos, que ideias e que espectáculos lhe desagradam?

R. — Não gosto de ver correr sangue. O pensar em todos esses animais abatidos ou sacrificados é-me desagradável.

P. — Suporta alegremente os maus acontecimentos?

R. — Muito mal.

P. — É sensível à publicidade?

R. — Eu não gosto nada dela, sobretudo quando se trata da minha vida privada.

P. — Qual é o seu programa dominical?

R. — Durmo até tarde e fico em casa a preparar bons pitéus para os meus amigos Anouk Aimée e Maurice Ronet.

P. — Gosta dos animais?

R. — De todos, sobretudo dos gatos.

P. — O que é que lê?

R. — Romances ingleses. E começo a gostar da «Série Negra», Dominique, Hadley Chasse...





«Miracle in Soho» revela uma Belinda diferente!

«Miracle in Soho», que provàvelmente não chegará a ser exibido em Portugal, revela uma Belinda Lee diferente, no papel de uma italiana amorosa, ao lado do grande actor John Gregson.

Escrito e produzido por Emeric Pressburger (o homem a quem, conjuntamente com Michael Powell, se devem filmes como «Os Sapatos Vermelhos», «Caso de Vida ou de Morte» e tantos outros), «Miracle in Soho» é ainda interpretado por Peter Illing e Marie Burke, dois excelentes característicos que aparecem como pais de Belinda.







P. — Gosta de música?

R. — Gosto de Mozart, Bach, Beethoven e também de canções: Domenico Modugno, Edith Piaf, Yves Montand.

P. — Que desportos pratica?

R. — A equitação e a natação. Vou aprender o «ski» e a patinagem no gelo.

P. — Que qualidades pensa que tem?

R. — A franqueza e a rectidão.

P. — E defeitos?

R. — Sou irritável, egoísta, pródiga e muito distraída, se isto se pode considerar um defeito.

P. — É tímida?

R. — Muito.

P. — Há alguma coisa que você lastima ter feito?

R. — Há muitas.

P. — O quê, por exemplo?

R. — Muitas!

P. — Tem desejos?

R. — Sim, uma bela casa de campo e um «Mercedes 300».

P. — O melhor período da sua vida?

R. — O que vivo actualmente.

P. — Tem um perfume ou odor predilecto?

R. — O cheiro do mar.

P. — Qual é o seu fruto preferido?

R. — A maçã.

P. — É supersticiosa?

R. — Muito, em todos os aspectos. Tenho como talismã um cavalo de veludo vermelho.

P. — Tem medo da morte?

R. — Não.

P. — Tem manias?

R. — Não gosto de ter um penteado apanhado. Gosto dos cabelos caídos sobre os ombros e só estou bem descalça.

P. — Complexos?

R. — Em França tenho o complexo do acento.

P. — Bebe?

R. — «Whisky». O champanhe dá-me volta à cabeça.

P. — Como se manifesta em si o nervosismo?

R. — Roendo as unhas.

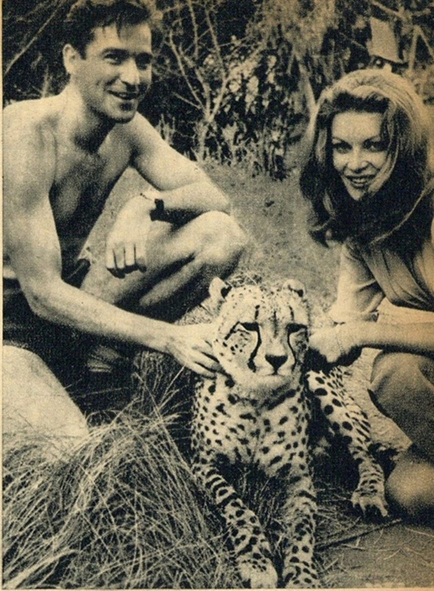
NO CENÁRIO DA ÁFRICA DO SUL

BELINDA

RODOU O SEU ÚLTIMO FILME PARA A RANK, SEM PODER ESQUECER ORSINI!

Quando partiu para a África do Sul, Belinda Lee já tinha começado o seu romance com Orsini. O contacto com a selva não lhe conseguiu fazer esquecer o homem por quem o seu coração irresistivelmente se apaixonara.

No entanto — e quem sabe se exactamente por isso! — a sua interpretação em «O Vale das Mil Montanhas» atingiu grande brilho, a avaliar pelas referências dos críticos estrangeiros...







Da estadia de Belinda na África do Sul publicam-se três imagens: a primeira brincando com um pequeno leopardo na companhia de Michael Craig; a segunda, confraternizando com este actor, o realizador Ken Annakin e o operador Harry Waxman; e a terceira, como não podia deixar de ser, escrevendo a Orsini.

P. — Qual é o seu violino de Ingres?

R. — A cozinha francesa.

P. — Que cidades lhe deixaram mais profunda impressão?

R. — Roma e Paris.

P. — Onde tem obtido mais sucesso na sua carreira?

R. — Na Itália.

P. — Nunca foi considerada indesejável?

R. — Creio absolutamente que não. Encontrei, sim, em determinadas circunstâncias, uma verdadeira matilha de fotógrafos e jornalistas a perseguirem-me em Roma, durante muitos dias. Para não agravar a situação provocada por esses fotógrafos e jornalistas, decidi afastar-me durante algum tempo. Agora, porém, os ânimos já serenaram e vou à Itália frequentemente.

P. — Declarou alguma vez que não queria filmar mais em Inglaterra?

R. — Nunca disse fosse o que fosse que se pudesse parecer com isso. Apenas recusei ir passar quatro meses a Londres, para ali interpretar um filme, numa altura em que toda a minha actividade e todos os meus projectos estavam ligados a filmes franceses e italianos.

P. — Como encara o interesse que lhe manifestam os seus admiradores e caçadores de autógrafos?

R. — Sinto-me sensibilizada com a simpatia que eles me testemunham, mas não gosto de ser o ponto de mira do público.

P. — Gosta de comer? Que pratos prefere?

R. — Sou muito comilona. Os cozidos italianos e, sobretudo, os assados franceses, são únicos no mundo. Gosto muito também de belos cremes e de iorgute.

P. — Que profissão desejaria exercer se não fosse actriz?

R. — Manequim.

P. — Que filme contribuiu decisivamente para a sua reputação?

R. — «Footsteps in the fog», cujos principais papéis eram desempenhados por Jean Simmons e Stewart Granger.

P. — O seu papel preferido?

R. — O que Luís Salawsky me confiou em «Ce corps tant désiré».

P. — Que figura histórica gostaria de viver no «écran»?

R. — Maria Stuart.

P. — Que pensa do casamento entre artistas?...

R. — Nada de bom... Não gostaria de casar com um actor...

P. — E do beijo no cinema?

R. — Faz parte do trabalho, e não pode haver equívocos.

P. — Não gosta dos jornalistas?

R. — Sim, gosto, mas quando não exploram o escândalo!

P. — O escândalo serve por vezes a publicidade de uma «estrela»?

R. — No meu caso, não. Eu queria que me esquecessem, que não se ocupassem da minha vida privada. Numa certa época, cada vez que eu saía, dizia-se e escrevia-se que eu esperava um bebé... E porquê? Muito simplesmente porque eu usava um vestido saco!

P. — Qual é a sua opinião sobre o «Strip-tease»?



AS OPINIÕES (AJUIZADAS) DE BELINDA LEE...





Sobre o casamento:

«Acho que uma rapariga deve casar nova. A coisa mais importante na vida é amar e ser amada».

...Sobre o futuro:

«O que mais anseio na vida é poder conciliar a minha carreira com o casamento, e ter, pelo menos, quatro filhos».

...Sobre as pessoas:

«A insinceridade é o pior defeito. Não gosto das pessoas que gritam e pretendem ser espertas».





...Sobre música:

«Sou uma extremista e vou para os clássicos e para o «jazz». Nada mais me interessa».





...Sobre viagens:

«Gosto de viajar. Já visitei a França, a Espanha e a Suíça, e espero arranjar tempo para uma viagem ao México e à Índia».

...Sobre passatempos:

«Amo o ténis no verão e a esgrima no inverno. E gosto também de desenhar os meus vestidos».

...Sobre a vida:

«Podia ser tão agradável se os jornalistas me deixassem em paz!»





...Sobre vestidos:

«Tenho gostos muito extravagantes. Não é de aconselhar deixarem-me fazer compras sòzinha, a não ser que deixe em casa o meu livro de cheques!»



R. — Diverte-me imenso e é um dos espectáculos de que mais gosto.

P. — Aprecia os espectáculos violentos, os combates de boxe, as corridas?

R. — Não, sobretudo as corridas. Acho-as ignóbeis. Mas causa-me mais pena o infeliz cavalo, do que o cavaleiro, porque este, se arrisca a vida, fá-lo com conhecimento de causa.

P. — Qual é, na sua opinião, a doença mais cruel?

R. — A cegueira.

P. — Qual a principal qualidade que aprecia num homem?

R. — A de ver na mulher que ama a razão da sua vida!

P. — Que defeito perdoa menos aos homens?

R. — A mentira.

P. — Qual é o actor francês com quem prefere trabalhar?

R. — Daniel Gélin.

P. — E aquele com quem gostaria de contracenar?

R. — Jean Gabin!

P. — Onde costuma passar as suas férias?

R. — No inverno, em Megeve; no verão, em Saint-Tropez.

P. — Vai interpretar brevemente um filme de que o príncipe Orsini seria o produtor?

R. — Isso acontecerá talvez um dia, mas não este ano, porque, na verdade, o meu programa de trabalho já não permite mais compromissos.

P. — Circulam boatos de que se tinha casado em Megeve...

R. — Os boatos falsos têm-me perseguido durante toda a minha vida, até quando não têm a mínima razão de ser... Nessa altura, teríamos ambos muitas dificuldades para realizar a nossa união legal, porque éramos casados em face da lei. E ninguém se pode casar pela segunda vez, sem ter obtido o divórcio.

BELINDA e ORSINI já não têm medo de se mostrarem juntos!





Em França, durante muito tempo, deram-lhe o nome de «os amorosos perseguidos». E, na realidade, deviam ter atingido dezenas as reportagens realizadas com tele-objectivas, mostrando Belinda e Orsini nos seus encontros secretos, graças à cumplicidade da actriz Ivette Lebon.

Quando chegou, porém, o Festival de Cannes, eles resolveram que nada tinham a ocultar da imprensa, aparecendo sempre juntos em todas as recepções e «cocktails» — ou brincando na praia com outros amigos.

Esse atrevimento de Belinda e de Orsini causou certo furor na imprensa italiana — o que se traduziu na anulação de um contrato que Belinda já assinara para actuar numa comédia com Rossano Brazzi.

Longe de se aborrecer com o facto, Belinda limitou-se a encolher os ombros. Se tinha Orsini a seu lado, o que lhe importava o resto?

Pode haver quem assim não pense, mas os apaixonados (os verdadeiros, claro!) têm sempre razão!

«Le corps tant desiré» — o primeiro filme que Belinda interpretou em França — pertence ao género dos que deram celebridade a Silvana Mangano e a Sofia Loren: «Arroz Amargo» e «A rapariga do rio Pó». De resto, o próprio título do filme é uma homenagem à beleza de Belinda.



Resultado: de então para cá, o prestígio de Belinda tem vindo a subir em acelerado ritmo, já pela natureza dos filmes que tem interpretado — todos eles visando tirar o máximo dos seus dotes de beleza — já pela publicidade que as revistas e os jornais expontâneamente lhe oferecem, sabendo como sabem que, num momento em que a Europa não tem grandes rainhas de beleza nas fileiras cinematográficas, Belinda é uma artista sobre que convergem a simpatia e a admiração gerais.

Não nos admira até que os ingleses, esquecendo os seus conceitos de moral e perdoando a Belinda o seu «crime», venham a contratá-la de novo... De resto, a actual campanha «Sexy» que o cinema inglês vem desenrolando para fazer face à concorrência americana e europeia exige muitas artistas como Belinda — e eles só têm duas ou três, necessitando de ir buscá-las ao estrangeiro, como fizeram recentemente com Juliette Greco, Nadia Gray e Eva Bartok, para eliminar essas lacunas...



A INGLATERRA DESPREZOU-A

mas a Itália e a França aproveitaram-na!

Jacques Charrier contracena com Belinda Lee em «Les Draguers». Ei-los recebendo as instruções do realizador.



Logo que as agências telegráficas transmitiram aos quatro ventos a notícia dos amores de Belinda Orsini, a Organização Rank enviou às suas delegações em todo o mundo circulares proibindo que fizesse referência ao escândalo que se havia ateado em volta da «estrela».

Ao contrário dos americanos — para quem os escândalos significam dinheiro — os ingleses têm pela moral um respeito absoluto que põem acima de todas as conveniências e que muitas vezes vai até ao exagero.

Ao saber-se na Inglaterra o que se passava com Belinda, a admiração que todos lhe reservaram transformou-se em desprezo, tornando inevitável a anulação do contrato da Rank, o que poderia significar para a «estrela» o fim de toda a sua carreira cinematográfica.

Assim não sucedeu, porém, até porque as provas dadas por Belinda no seu primeiro filme fora da Inglaterra — «Afrodita» — tinha já deixado em todos, incluindo os produtores, a convicção de que não podiam perder uma tão bela rainha do «glamour».



«Aphrodite», em que Belinda contracena com Jacques Sernas e Massino Girotti, não chegará provàvelmente a ser exibido entre nós. Determinadas cenas, quando a bela actriz posa para a famosa estátua de Afrodita, ou cai na praia nos braços de Jacques Sernas, obrigarìam a demasiadas mutilações...

FILMOGRAFIA DE BELINDA LEE

ANO	TITULO ORIGINAL	TITULO EM PORTUGUÊS	ARTISTAS
1952	Runaway Bus		
	Life With the Lyons		
	Murder by Proxy		
1953	Belles of St. Trinians		
	No Smoking		
	Footsteps in the Fog		Stewart Granger
1954	The Big Money		Robert Helpmann
	Mon of the Moment	**O Homem do Momento**	Norman Wisdom
	The Feminine Touch	**Quero ser Enfermeira**	George Baker
1955	Who Done it		
	Eyewitness		Donald Sinden
1956	The Secret Place	**O Diamante Maldito**	Ronald Lewis
	Miracle in Soho	**Milagre em Soho**	John Gregson
1957	Dangerous Exile	**O Príncipe Lendário**	Louis Jourdan
	Aphrodite	**Afrodita**	Massimo Girotti
	Nor the Moon by night	**O Vale das Mil Montanhas**	Michael Craig
1958	Les Nuits de Lucrece Borgia		Jacques Sernas
	Ce corps tant desiré		Daniel Gélin
1959	Les Dragueurs		Jaques Charrier
	I Magliari		Alberto Sordi

no próximo número:

MARIO LANZA

N.45





PREÇO 2$00